

NOTAS PARA UMA ONTOLOGIA DO TRÁGICO E DO PENSAMENTO AGONÍSTICO

Luciano Caldas Camerino¹

RESUMO: Pretende-se, no presente texto, apresentar de forma sumária o pensamento trágico grego, que se apoia numa ontologia da pluralidade e do conflito, também chamada agonística. O artigo ainda aponta que essa perspectiva é assumida por Isaiah Berlin, pensador político radicado na Inglaterra, que através dela renovou o pensamento liberal no século XX.

Palavras-chave: trágico, agonística, ontologia.

ABSTRACT: The intention of this text presents in summary form the Greek tragic thought, which is based on an ontology of plurality and conflict, also called agonistic. The article also points out that this perspective is taken by Isaiah Berlin, political thinker living in England, who through her renewed liberal thought in the twentieth century.

Keywords: tragic, agonistic, ontology.

Entre os gregos, na fase anterior ao pensamento socrático, considerava-se que tudo que existe é *physis*, natureza, entendida como totalidade, sem distinção entre o material e o espiritual. As divindades, os homens, os animais e os demais seres formam um universo unificado e progressivamente organizado, segundo descrevem as suas cosmogonias. Nelas encontramos os mitos de soberania, que exaltam o poder de um deus sobre os demais, na sua ação regente do universo. Há a descrição de seu nascimento, suas lutas e seu triunfo.

A ordem, no domínio do natural, do humano e do divino, é produto da hegemonia desse deus soberano, que retirou o mundo da instabilidade e do caos. Após terminarem os combates por ele mantidos contra monstros e rivais, sua supremacia aparece assegurada.

“Para os gregos, o universo é uma hierarquia de poderes. Análogo em sua estrutura à uma sociedade humana, não poderia ser corretamente representado por um esquema puramente espacial, nem descrito em termos de posição, de distância, de movimento. Sua ordem, complexa

¹ Professor Associado do Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Juiz de Fora. *E-mail:* lucianosferatu@yahoo.com.br

e rigorosa, exprime relações entre agentes; é constituída por relações de força, de escalas de precedência, de autoridade, de dignidade, de vínculos de domínio e de submissão².”

Esse equilíbrio de potências não se dá de modo estático e definitivo, mas encobre oposições e se constitui de conflitos, onde cada força apodera-se do poder, domina e depois recua, cedendo-o na mesma proporção do seu avanço. A sucessão das estações, os ciclos do corpo humano, indicam que a supremacia passa de um a outro poder, que se alternam na submissão e no domínio, na expansão e na retração, segundo uma ordem que é flexível, mas que não se altera.

Os deuses gregos traduziam essa ordem conflitual e proporcionada através de imagens como a do Destino, deus cego, filho do Caos e da Noite, a que todos se curvavam. Debaixo de seus pés mantinha o globo terrestre e, nas mãos, trazia uma urna fatal, de onde a sorte dos humanos era aleatoriamente retirada. A vida humana era regida também pela deusa Fortuna, sempre de olhos vendados, trazendo nos braços uma cornucópia de bens, que não podiam ser apreciados a menos que se agarrasse essa divindade imediatamente, pois que sua natureza era fugidia.

Percebendo que a vida parecia ser um eterno encadeamento de criação e destruição, os gregos fizeram com que Ares, deus das guerras, dotado de coragem ilimitada, tivesse como companheira a deusa Afrodite, responsável pelo amor sensual e pelos encantamentos do desejo. Sua união representava a força da Natureza, acalmada na primavera³.

Hades, o deus dos infernos e regente dos mortos habitava o seio da terra, de onde também, paradoxalmente, regulava a fecundidade dos solos, pois que frutos e sementes, tudo que cresce, provêm do interior onde era o seu domínio.

Esses paradoxos, que parecem contrariar o pensamento lógico, nada mais significavam que a descrição da realidade, tal como os gregos a entendiam, sem dela nada excluir.

“Para os povos de épocas arcaicas, o mundo constituía uma unidade profundamente real e viva. A natureza não só decorava um cenário, mas participava da cena e do drama como um verdadeiro personagem. Refiro-me aqui não apenas às hierofanias e às imagens do mundo mítico, mas àquela identidade real e viva que o mundo mítico apresenta entre deuses, natureza

² VERNANT, Jean-Pierre. *As Origens do Pensamento Grego*, 1984, p.83.

³ MEUNIER, Mário. *Nova Mitologia Clássica*, 1976, p.63.

e homens. Por isso o mundo do mito é dramático – de ações, forças e poderes conflitantes. Em todo fenômeno da natureza nada mais vê que o embate destes poderes⁴.”

No palco desses intensos conflitos, se desenrola o drama da existência humana, frágil e sempre ameaçada pelo embate entre forças e poderes titânicos. Numa perspectiva judaico-cristã, lembra Mircea Eliade, pareceria que a religião grega consagra o pessimismo, ao tomar a vida humana como efêmera e carregada de preocupações; Homero compara o homem às folhas que o vento arranca e lança por terra; não existe um único homem à quem Zeus não envie mil males. Ainda segundo Eliade, o homem, para os gregos, não é a criatura de uma divindade, tal como pensam os três monoteísmos; nem tinham a ousadia de esperar que suas preces fossem atendidas, o que indicaria uma certa intimidade com os deuses⁵.

Possuíam, ao contrário, a concepção de uma justiça cósmica (*Dike*), representada por Têmis, deusa da justiça. Os deuses não atingiriam os homens, de modo a feri-los, desde que esses se mantivessem adstritos aos limites prescritos por sua própria condição. Tal obediência, numa cultura dominada pelo ideal aristocrático da excelência, raramente era fácil, pois a demasia na busca do melhor podia incorrer na *hybris*, na desmedida, que sempre acarretava em desgraças.

Assim, o homem somente dispõe de suas próprias forças, sendo sábio aquele que conhece a precariedade e a finitude de sua condição. Para a consciência trágica, em si mesmo, na sua alma, o homem vive um debate, uma polêmica, precisando realizar escolhas em um universo onde nada é estável e unívoco, onde todos os valores são ambíguos. Também na vida social tudo surge dilacerado, um deus luta contra outro e os direitos se antagonizam.

“Os trágicos não se contentam em opor um deus a outro, Zeus a Prometeu, Ártemis a Afrodite, Apolo e Atena às Erínias. Mais profundamente, o universo divino é, no seu conjunto, apresentado como conflitual. As potências que o compõem aparecem agrupadas em categorias fortemente contrastadas, cujo acordo é difícil ou impossível, porque não se situam no mesmo plano⁶.”

Na tragédia, as ações humanas são sempre desafiadoras, porque o homem, não sendo o senhor do seu destino, sempre pode cair em armadilhas, criadas por suas próprias ações. Agir

⁴ CRIPPA, Adolpho. *Mito e Cultura*, 1975, p.35.

⁵ ELIADE, Mircea. *História das Crenças e das Ideias Religiosas*. Tomo II, volume 1, 1979, p.91.

⁶ VERNANT, Jean-Pierre; NAQUET, Pierre. *Mito e Tragédia na Grécia Antiga*, 1977, p.24.

sempre tem um duplo caráter; de um lado, o homem delibera consigo, mede aspectos positivos e negativos, prevê a melhor decisão a tomar. De outro lado, é preciso sempre contar com o desconhecido, aventurar num terreno obscuro, arriscar-se enfim. Mesmo no homem mais prudente, a ação sempre conserva uma incerteza em si mesma.

O domínio da tragédia pressupõe que se tenha formado a noção de uma natureza humana, com caracteres bem definidos, sem que o homem seja o centro ou o sujeito da realidade. O plano transcendente, ou divino, também se coloca em interseção com o patamar humano; são como dois polos, heterogêneos porém complementares, que formam uma realidade ambígua, uma encruzilhada entre dois níveis ontológicos

Pensador trágico por excelência, Heráclito entende que a natureza ama os contrários e sabe operar-lhe a síntese. Essa unificação, adquirida pelo preço de uma luta, sempre se mantém como uma tensão entre forças opostas. Conforme disse, o combate é o pai de todas as coisas, e a própria justiça é uma luta, onde se procura conciliar os aspectos divergentes da realidade. Unidade e pluralidade, múltiplo e um, tudo se harmoniza através do antagonismo.

Combatem os homens e as potências entre si, e, a cada momento, uma medida segura determina para onde a vitória se inclinará. Se a ação e reação entre os opostos viesse a terminar, o vencedor reinaria sobre o nada, e ele mesmo não existiria mais. Por isso, Heráclito ensinava que, nas festas gregas, é o mesmo Hades e Dioniso, aos quais se festeja. Com efeito, Hades é o deus da morte, mas a morte representa, também, uma renovação da vida. Hades é um símbolo da vida, oculta sob a morte aparente, enquanto Dioniso traduz a exaltação da vida que supera a morte. Nas palavras de Emmanuel Carneiro Leão, “(...) o mundo é a articulação das diferenças de Dioniso Zagreu, dividido e fragmentado, com a identidade de Hades, simples e indiferenciado⁷”.

O pensamento arcaico opera através de figuras que são centros de coincidência dos opostos, que reúnem em si aspectos contraditórios. O panteão grego, em sua estrutura enantiológica, apresenta um jogo de forças em que as mesmas somente pelas suas oposições se definem. Para eles, os gregos, a fatalidade, Moira, termo que significa lote, não funciona de modo transcendente, mas é uma condição constitutiva do próprio ser, imanente à ele, e não uma imposição sobre ele exercida, advinda do seu exterior. As Moirai, filhas de Zeus e Têmis,

⁷ LEÃO, Emmanuel Carneiro. *Comentários aos Fragmentos de Heráclito*, 1980, p. 14.

representam a fatalidade sob o aspecto positivo de configuração do ser, segundo uma medida, um “*logos*” divino; sob o aspecto negativo, são filhas da Noite e representam a sofrida experiência a que se submete o ser, do restrito e inexorável lote de bem e de mal que toca a cada homem e que constitui o seu destino.

Como os deuses, os homens repartem entre si a opulência do ser, através de uma medição de forças, e assim definem o espaço que ocupam na realidade. Nesse decisivo e definitivo embate, a força de cada ser é a causa de cada um dos demais afirmar-se, e ao mesmo tempo o limite onde todos se confrontam e atiram. O limite constitutivo de cada ser é, ao mesmo tempo, limite negativo, coercitivo e cancelante do próprio ser que afirma. “A dupla filiação das Moirai indica, nos termos próprios do pensamento mítico, que toda afirmação implica a negação⁸”

O ideal homérico do heroísmo não se explicava senão pelo fato de que o herói, ao empenhar-se na guerra, mede a si mesmo e aos outros através do combate. Procura a Moira que defina o seu valor, definindo assim, igualmente, o valor dos demais guerreiros. A tragédia se origina de uma tensão, sustentada pelas incontroláveis e obscuras forças às quais o homem se acha submetida, e contra as quais procura resistir. Em geral, essa luta é sem esperanças, terminando por mergulhar o herói no mais intenso sofrimento e muitas vezes no naufrágio total, mas lutar contra o destino é o imperativo da existência humana.

As guerras antigas raramente aconteciam por motivações puramente econômicas ou por disputas de mercado. Os gregos a viam como algo inevitável, fazendo parte do *agon*, isto é, do espírito geral de antagonismo que governa tudo, da sociedade ao mundo dos deuses. O *agon* estava presente nas rivalidades mantidas entre as cidades, nos jogos esportivos, nas disputas retóricas nas cidades. Os deuses também viviam em permanentes conflitos, e as divindades guerreiras não eram condenadas ou submetidas às potências pacificadoras; ambas essas forças coexistiam. Os relatos mitológicos e os poemas homéricos relatavam a participação dos deuses e dos guerreiros nos combates e nas guerras, e as diversas cidades-estados também continuamente entravam em conflito. Tudo isso se inseria num quadro maior, que era o de uma ontologia agonística.

⁸ TORRANO, Jaa. In: HESÍODO, *Teogonia*, 1981, p.43.

Ao contrário do pensamento moderno, a filosofia pré-socrática, onde vicejou o espírito do trágico, é dominada pela temática cosmológica. Não exclui o homem de suas considerações, mas não o coloca como o centro de uma reflexão específica; os mesmos princípios que explicam a natureza, também à ele se aplicam⁹.

Segundo Albert Camus, a panorâmica simplificada da criação, que coloca os deuses de um lado e os homens, de outro, não era aceita pelos gregos. Para eles, existiam degraus e pontos de contato entre homens e deuses, e não um abismo metafísico. Ao invés de acreditar na criação, produzida “*ex nihilo*”, os gregos criam numa matéria eterna e informe, que teria sido organizada gradativamente por um logos demiúrgico¹⁰.

Para Gerd Bornheim, a dimensão trágica se explica pela limitação ontológica que caracteriza o ser humano. Acontece o trágico ao reunirem-se, ao mesmo tempo, o homem que padece e uma certa ordenação, na qual ele se insere. A conjunção do homem com seu horizonte existencial torna o trágico possível; esse horizonte pode ser a justiça, valores morais, o amor ou a honra. O fundamento último do trágico é a densidade do real, que se opõe aos esforços do herói trágico. Para ele, o homem é um ser híbrido, podendo perder de vista a sua medida real e emaranhar-se na desmedida ou na aparência. No existencialismo, no pensamento de Hegel e no historicismo a tragédia se desvanece: para o primeiro, porque o horizonte transcendente onde nos inserimos desaparece, ficando apenas o homem e a sua subjetividade; na filosofia hegeliana, o indivíduo é suprimido, assim como no historicismo, que acentua os acontecimentos onde o homem se dissolve.

Na filosofia de Sartre, por exemplo, temos uma “anti-tragédia”, pois o ser, totalmente subjetivado, não encontra parâmetro algum que o meça, a não ser ele mesmo¹¹.

O pluralismo trágico de modo algum se pode confundir com a ideia da dialética. Para o trágico, toda força, ao se relacionar com outra, estabelece relações de hierarquia, de dominação e submissão. Ao se afirmar, a força dominante não nega a outra, antes afirma a sua diferença. Conforme explica Gilles Deleuze, referindo-se ao pensamento de Nietzsche (o grande filósofo trágico moderno), não temos a negação, a oposição ou a contradição como a característica fundamental do ser, mas sim a afirmação e a diferença. Existe uma pluralidade de forças, em

⁹ ABBAGNANO, Nicola. *História da Filosofia*, 1976, Volume 1, p.35.

¹⁰ CAMUS, Albert. *O Homem revoltado*, 1997, p.48.

¹¹ BORNHEIM, Gerd. *O Sentido e a Máscara*, 1970, p.80 e 91.

que umas se destacam pela sua potência, e outras, que se afirmam pela sua própria submissão. Trata-se de um pluralismo, não de um jogo entre o positivo e o negativo. E, ainda, o trágico não se situa no contexto judaico-cristão da síntese e da superação, que marca a filosofia de Hegel, mas na cosmovisão do eterno retorno e dos ciclos recorrentes¹².

A dialética não é uma visão trágica do mundo, mas uma visão cristã mistificada, onde a vida se submete ao trabalho do negativo, e não da afirmação da diferença.

O ideário das revoluções se apoia na utopia da unidade, e não na aceitação da pluralidade. A revolução se inicia no domínio das ideias; a religião da razão, fruto da Revolução Francesa, detesta a divergência e o conflito. Ao considerar a história humana como estritamente única, o pensamento cristão preparou o terreno para a filosofia marxista e seu messianismo, que oscila entre o romantismo e o cientificismo. Os novos reis-filósofos, armados de foice, martelo e livros, estabelecerão a ditadura dos intelectuais, aniquilando a liberdade, pois o caminho para a unidade passa pela totalidade.

O pensamento agonístico, na atualidade, foi revivido nas reflexões de Max Weber, e no liberalismo de Isaiah Berlin. Segundo esse pensador, que morreu em 1997, a filosofia ocidental abraçou a ideia de que o mundo e a sociedade podem ser explicados por uma única e fundamental estrutura inteligível. Essa estrutura pode ser os números pitagóricos, as ideias platônicas, o *logos* dos estoicos, Deus para os cristãos, a natureza com suas leis determinísticas, segundo a ciência moderna, ou ainda a luta de classes e a sequência dos modos de produção, conforme a visão marxista. Esse padrão monista não se concilia com a ideia de que os valores são plurais, incomensuráveis entre si e muitas vezes inconciliáveis, impedindo a existência de uma síntese entre todos, pois que uns entram em conflito com outros, da mesma forma que a igualdade extrema elimina a liberdade, ou que a liberdade sem freios termina por aniquilar a diversidade. A ideia de que a História obedece a leis, de que cada ação humana se explica a partir de padrões necessários, pressupõe um fascínio pelas ciências naturais vistas por uma ótica positivista e já superada pelas epistemologias falibilistas do século passado, inauguradas pela obra de Karl Popper. Se Berlin tem razão, o máximo que se pode fazer é organizar o conflito, torná-lo restrito ao mundo da retórica, não permitindo que a violência substitua os argumentos.

¹² DELEUZE, Gilles. *Nietzsche e a Filosofia*, 1976, p.9.

Não sendo possível determinar a essência do ser humano (que não se reduz ao trabalho, conforme pensava Marx), aceitando-se a evidência empírica de que os homens são inevitavelmente diferentes, e que aspiram a formas diferentes de felicidade, conforme já observara John Stuart Mill no século XIX. Uma boa sociedade é aquela que permite a cada um o máximo de originalidade, aceitando-se o fato de que, inevitavelmente, os conflitos sempre existirão.

BIBLIOGRAFIA

ABBAGNANO, Nicola. *História da Filosofia*. Tradução de Antônio Borges Coelho, Franco de Sousa e Manuel Patrício. Lisboa: Presença, 1976, vol. 1.

BORNHEIM, Gerd. *O Sentido e a Máscara*. São Paulo: Perspectiva, 1975.

CAMUS, Albert. *O Homem Revoltado*. Tradução de Valerie Rumjanek. 3ed. São Paulo: Record, 1997.

CRIPPA, Adolpho. *Mito e Cultura*. São Paulo: Convívio, 1975.

DELEUZE, Gilles. *Nietzsche e a Filosofia*. Tradução de Edmundo Fernandes Dias e Ruth Joffily Dias. Rio de Janeiro: Rio, 1976.

ELIADE, Mircea. *História das Crenças e das Idéias Religiosas*. Tradução de Roberto Cortes de Lacerda. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

LEÃO, Emmanuel Carneiro. *Heráclito, Fragmentos*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1980.

MEUNIER, Mário. *Nova Mitologia Clássica*. São Paulo: Ibrasa, 1976.

TORRANO, Jaa. Comentários. In: HESÍODO, *Teogonia*. São Paulo: Massao Ohno-Roswhita Kempf, 1981.

VERNANT, Jean-Pierre. *As Origens do Pensamento Grego*. Tradução de Isis Borges B. da Fonseca. 4ed. São Paulo: Difel, 1984.

VERNANT, Jean-Pierre; NAQUET, Jean Vidal. *Mito e Tragédia na Grécia Antiga*. Tradução de Anna Lia A. de Almeida Prado, Filomena Yoshie Hirata Garcia e Maria da Conceição M. Cavalcante. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1977.